

Três necrópoles portenhas: apontamentos sobre geografia cemiterial



RESUMO

Considerando os cemitérios como uma realidade complexa que envolve temas como arte mortuária, signos, memória e cultura, apresenta-se uma perspectiva da cultura funerária em Buenos Aires. Exploramos a realidade de três cemitérios específicos: Cemitério da Recoleta, Cemitério de San Jose de Flores e Cemitério de La Chacarita. Nosso objetivo é evidenciar que os cemitérios de uma cidade estão intrinsecamente ligados com sua geografia, história e transformações territoriais, moldando, inclusive, suas configurações urbanas e espaciais. Para alcançar esse propósito, realizamos visitas de campo, observações in loco e revisão bibliográfica sobre os cemitérios estudados. Desta forma, observamos que, em Buenos Aires, ao longo do tempo, o conceito de cemitério passou por diversas reinterpretações. O que nos leva a concluir que estes cemitérios apresentam uma trajetória ao longo de sua história, que repercute numa estética funerária expressiva e rica aos olhos dos visitantes e pesquisadores.

Palavras-chave: Cemitérios; Buenos Aires; Estética funerária; Transformações territoriais.

* Doutoranda e mestre em Geografia na Universidade Federal do Espírito Santo (UFES).
CV: <http://lattes.cnpq.br/1367482599102119>



Three Buenos Aires Necropolises: Notes on Cemetery Geography

ABSTRACT

Considering cemeteries as a complex reality that involves themes such as mortuary art, symbols, memory, and culture, we present a perspective on funeral culture in Buenos Aires. We explore the reality of three specific cemeteries: Recoleta Cemetery, San Jose de Flores Cemetery, and La Chacarita Cemetery. Our objective is to highlight that a city's cemeteries are intrinsically linked to its geography, history, and territorial transformations, shaping even its urban and spatial configurations. To achieve this purpose, we conducted field visits, on-site observations, and a literature review on the studied cemeteries. In this way, we observed that, over time in Buenos Aires, the concept of the cemetery has undergone various reinterpretations. This leads us to conclude that these cemeteries exhibit an evolution throughout their history, resulting in an expressive and rich mortuary aesthetic for visitors and researchers.

Keywords: Cemeteries; Buenos Aires; Mortuary aesthetics; Territorial transformations.

Tres necrópolis porteñas: apuntes sobre geografía cemiterial

RESUMEN

Considerando los cementerios como una realidad compleja que involucra temas como el arte mortuario, signos, memoria y cultura, se presenta una perspectiva de la cultura funeraria en Buenos Aires. Exploramos la realidad de tres cementerios específicos: Cementerio de la Recoleta, Cementerio de San José de Flores y Cementerio de La Chacarita. Nuestro objetivo es evidenciar que los cementerios de una ciudad están intrínsecamente ligados con su geografía, historia y transformaciones territoriales, moldeando, inclusive, sus configuraciones urbanas y espaciales. Para alcanzar este propósito, realizamos visitas de campo, observaciones in situ y revisión bibliográfica sobre los cementerios estudiados. De esta forma, observamos que, en Buenos Aires, a lo largo del tiempo, el concepto de cementerio ha pasado por diversas reinterpretaciones. Esto nos lleva a concluir que estos cementerios presentan una evolución a lo largo de su historia, que repercute en una estética funeraria expresiva y rica a los ojos de los visitantes e investigadores.

Palabras clave: Cementerios; Buenos Aires; Estética funeraria; Transformaciones territoriales.



O desejo de escrever este artigo surgiu a partir de uma experiência pessoal vivida entre o término do mestrado e o início do doutorado em Geografia. Trinta dias em terras argentinas ofereceram ampla margem para despertar a curiosidade de compreender as outras necrópoles da cidade, além do turístico cemitério da Recoleta. Ao conhecer os três cemitérios atuais da cidade de Buenos Aires, observa-se uma clara linha evolutiva das transformações sofridas nos ritos funerários. “Dos cemitérios que Buenos Aires teve, três continuam existindo desde o século XIX. Embora se trate de uma permanência muito relativa, pois eles foram se transformando e mudando em suas aparências, organizações e superfície permanentemente” (Dal Castello, 2020, p. 19).¹

Nessa perspectiva, nossos objetivos com esta pesquisa são refletir sobre a relação entre os cemitérios e a cidade, compreendendo-os enquanto territórios que refletem aspectos culturais, sociais e históricos da sociedade portenha; documentar e analisar percepções contemporâneas dos cemitérios por parte da população local e visitantes, avaliando como esses territórios são vistos hoje em dia; e contribuir para a compreensão das necrópoles como espaços dinâmicos e historicamente significativos, oferecendo uma perspectiva geográfica e cultural sobre os cemitérios de Buenos Aires.

Reconhecemos que nosso estudo é conciso e que possui limites, sem a pretensão de esgotar o tema, mas que é suficientemente capaz de apresentar academicamente um pouco do que experimentamos visitando as necrópoles de Buenos Aires. Para isso, nossa metodologia é prioritariamente qualitativa, baseada na articulação de leituras e levantamentos bibliográficos com o sentimento pessoal vivenciado em longas caminhadas e reflexões que relacionam a morte, a cidade e a disciplina geográfica de suas necrópoles. A etnografia também desempenha um papel importante nesta pesquisa, uma vez que envolve “estabelecer relações, selecionar informantes, transcrever textos, levantar genealogias, mapear campos, manter um diário, e assim por diante” (Geertz, 2008, p. 4). Acreditamos que, por meio dessas ferramentas, conseguiremos apresentar reflexões que revelam os significados culturais, sociais e históricos que permeiam as necrópoles portenhas.

Philippe Ariès (1988) é um entre muitos pesquisadores em todo o mundo que demonstraram que o costume de enterrar os mortos no interior das Igrejas Católicas ou em cemitérios vizinhos administrados por elas era bastante antigo. Nas colônias espanholas esse costume permaneceu, até que, com o crescimento das cidades e os constantes enfrentamentos de epidemias, novos argumentos foram criados. Na Argentina, a necessidade de se estabelecer uma nova forma de enterramento foi observada nos primeiros anos do século XIX, quando a municipalidade tentava impedir os sepultamentos *ad sanctos*, da tradição católica. Foi quando surgiram na cidade os primeiros cemitérios monumentais e o incomum hábito de valorizar a visibilidade dos caixões depositados em seus mausoléus (Gentile, 2005).

A febre amarela e o cólera, na segunda metade do século, em vertiginosos surtos, aumentaram o número dos defuntos, enquanto a população também crescia de forma

¹ No original: “De los cementerios que Buenos Aires tuvo, tres siguieron existiendo desde el siglo XIX. Aunque se trata de una permanencia muy relativa, puesto que han ido transformándose y cambiando en su aspecto, organización y superficie permanentemente” (Dal Castello, 2020, p. 19). Tradução minha.

acelerada. Em meados do século XIX, Buenos Aires tinha entre 75 mil e 100 mil habitantes. Em razão da abertura à imigração, o censo de 1869 registrou 177.787 habitantes e, em 1887, seriam 433.375, mais que o dobro, em menos de 20 anos. Em 1895, oito anos depois, 663.854 pessoas, assim sucessivamente, até 1938, quando já contava 2.469.045 habitantes (Moreno, 1939). No início do século XX, o crescimento de Buenos Aires se explicava pelo êxodo rural motivado pela industrialização e por intensos fluxos migratórios internacionais: entre 1920 e 1960 a população da Argentina cresceu exponencialmente (Santos, 2008). Junte-se a isso o aumento das questões de saneamento, habitação e todo tipo de problemas sociais possíveis, inclusive, os cemiteriais.

Nesse contexto de crescimento populacional e crises sanitárias, as epidemias de cólera e febre amarela em Buenos Aires intensificaram as demandas por novas formas de sepultamento. Figuepron (2020) argumenta que essas epidemias exigiram reformas funerárias e acentuaram a segregação social dentro dos cemitérios, refletindo as divisões presentes na sociedade. Para enfrentar esses desafios, entre 1879 e 1887, o governo nacional e a municipalidade agregaram um grupo de médicos (Guillermo Rawson, Emilio Coni, Antonio Crespo, José María Ramos Mejía, entre outros) que conceberam um vasto plano para administração da saúde e medicalização da sociedade, que se consolidou como política pública com a criação do Departamento Nacional de Higiene, em 1880 (Alvarez, 1999). Foi quando se apresentou, pela primeira, vez o discurso cremacionista, inicialmente dirigido a cadáveres das epidemias, mas, logo, estendido à população em geral, sob forte controvérsia com a Igreja Católica. Os cemitérios monumentais de Buenos Aires, embora concebidos originalmente como espaços extramuros, passaram a integrar a malha urbana com o crescimento acelerado da cidade ao longo do século XIX. Diante dessa transformação, apresentaram-se soluções intermediárias que retomavam, a partir de uma nova roupagem medicalizada, os panteões dos cemitérios monumentais. Tratava-se de aceitar a condição intramuros dos cemitérios, mas combater a insalubridade e a escassez das sepulturas a partir de uma renovação estética funerária.

Ainda influenciados pelo higienismo, como motor das mudanças sanitárias, a criação da Direção Geral de Cemitérios, em 1910, buscava realizar antigos projetos de organizar o serviço funerário com base em um critério uniforme. Segundo Dal Castello (2020), o maior ciclo de propostas e transformações para os cemitérios da cidade se iniciaria em meados da década de 1930, com a criação de uma Comissão Especial que tinha o propósito de transformar os cemitérios da Chacarita, Flores e Recoleta. Entre os anos de 1935 e 1965 foram apresentadas, realizadas e arquivadas muitas propostas que, se por um lado, transformaram esses lugares, por outro lado, criaram novos problemas funerários.

O Cemitério da Recoleta, esgotando-se espacialmente e impossibilitado de expandir-se, gradualmente perdia sua função originária e se tornava o que é hoje: um museu da história e da nacionalidade argentinas. O Cemitério de San Jose de Flores, após duas transposições de local e diversas remodelações, apresenta toda a evolução geográfica cemiterial, possuindo estruturas monumentais, sepulturas perpétuas, sepulturas temporárias e panteões coletivos. E, finalmente, o Cemitério da Chacarita, que apresenta a mais completa transformação da estética funerária portenha, pois, somando a tudo o que já era notado no de Flores, inclui o

único crematório público da Argentina, que possui a marca quase industrial de mais de 30 cremações por dia, segundo seus responsáveis.

Com os relatos de algumas visitas realizadas entre janeiro e fevereiro de 2023, tentaremos refletir academicamente sobre alguns pontos que apresentamos até este momento, a título de introdução.

Cemitério da Recoleta

Foi chamado de Cemitério do Norte, quando o núcleo central da cidade e grande parte das famílias residiam na região centro-sul, na região do bairro San Telmo. Inicialmente foi concebido como um cemitério extramuros, destacado do incipiente núcleo urbano. A independência da Argentina, iniciada em maio de 1810, teve como um dos fatores influenciadores a instabilidade política decorrente da ocupação da Espanha pelas tropas napoleônicas². Seguiu-se a constante formação de uma identidade nacional argentina que ocorreu simultaneamente às primeiras preocupações com os enterramentos de defuntos nas Igrejas. Em Buenos Aires, idealizou-se em 1813 a construção de um panteão público para sepultamentos, que só se tornou realidade em 1822, quando se decretou o estabelecimento de uma necrópole extramuros para a cidade. A criação do Cemitério do Norte, finalmente, viabilizou a ideia de um panteão nacional em sua área.

Desse modo, tratava-se de um cemitério para católicos, em uma parte do terreno da paróquia de Nossa Senhora do Pilar, onde viviam os religiosos, freis da ordem dos Recoletos, em uma edificação existente desde 1732. O campo santo da Recoleta, denominado Cemitério do Norte, ficou ao encargo de um capelão, que era também seu administrador, mas o projeto do terreno ficou sob a responsabilidade do Departamento de Engenheiros e Arquitetos da Província, dirigido pelo francês Próspero Catelin, que o deu como inaugurado em 17 de novembro de 1822, sendo o primeiro cemitério público da cidade (Andruchow & Morita, 2020).

Embora a criação do Cemitério do Norte em 1822 seja frequentemente associada a preocupações sanitárias, é importante destacar que, antes dessa data, a própria Igreja já discutia a necessidade de cemitérios extramuros. Segundo Roca (2023), ao longo dos séculos anteriores, houve debates e esforços para transferir os sepultamentos para fora das áreas urbanas, como parte de um processo de reforma das práticas funerárias.³ Dessa forma, a decisão de estabelecer o Cemitério do Norte foi uma resposta tanto a questões sanitárias quanto a um movimento mais amplo que buscava modernizar a administração dos sepultamentos, alinhando-se com as preocupações eclesásticas e com as mudanças sociais do período.

² A República Argentina declarou sua independência em 9 de julho de 1816, no Congresso de Tucumán, rompendo formalmente os laços coloniais com a Espanha. Naquele período, o território da nova república era composto por províncias que anteriormente integravam o Vice-Reinado do Rio da Prata. A independência foi impulsionada tanto pelas invasões napoleônicas na Península Ibérica quanto pelos ideais de autodeterminação que surgiram na América Latina. Apesar da proclamação, a consolidação da unidade nacional enfrentou conflitos internos, especialmente entre federalistas e centralistas, além de disputas com outras potências regionais (Rock, 1987).

³ Facundo Roca (2023) examina a transformação das práticas funerárias e a reforma dos cemitérios, destacando a transição do enterro intramuros para cemitérios extramuros, particularmente na Espanha e em suas colônias. Explora, igualmente, como essa mudança foi influenciada por preocupações sanitárias e por debates sobre as práticas eclesásticas e administrativas da época.

No objetivo da construção de uma ideia de nação e de nacionalidade, surgiram os “Panteóns” no interior do cemitério. Andruchow e Morita (2020) indicam que a preocupação em honrar cidadãos com mérito público estava presente desde o início do projeto do cemitério. Já em 1823, quando se definem os preços dos lotes segundo sua localização, reservaram-se diversas sepulturas ao governo, destinadas a atribuição para pessoas distinguidas por seus méritos. Surge daí o “Panteão dos Cidadãos Meritórios”, dedicado especialmente a personagens de glórias militares, sepultados, algumas vezes em espaços coletivos, mas com relevantes celebrações fúnebres que agregaram arquitetura e arte mortuária e passaram a caracterizar o local a partir do fim da década de 1820. A partir de 1829, o engenheiro da província, Carlo Zucchi, esteve à frente de diversos projetos e da construção de monumentos funerários celebrativos de grande parte das personalidades argentinas no Cemitério do Norte. Zucchi projetou uma série de “artefatos destinados a representar as glórias da jovem república e honrar o heroísmo dos seus heróis” (Aliata, 2009, p. 75).⁴ O engenheiro consolidou em sua arquitetura mortuária em terras argentinas a ideia do Panteão como edificação que reunia pequenas sepulturas em um espaço maior, recuperando antigas tradições europeias desse tipo de monumento, agora a serem edificadas na América.

O bairro da Recoleta tomou forma mais tarde e deve seu nome ao monastério dos freis Agostinianos Recoletos, a quem pertencia a igreja do Pilar. O nome acabou sendo atribuído também à necrópole. O crescimento da cidade atingiu o cemitério apenas na década de 1870, quando em razão da epidemia de febre amarela muitos portenhos de classe econômica alta, que residiam na região tradicional de San Telmo, mudaram-se para a região norte da cidade. Para diferenciar-se das populações mais pobres, que sepultavam seus mortos sob a terra desde os tempos dos cemitérios junto às igrejas, na Recoleta iniciou-se uma tradição de depositar os caixões dentro das edificações de modo que pudessem ser vistos acima da terra.⁵ Prática que deveria tornar o ar do ambiente bastante carregado, devido às decomposições simultâneas, das quais nada se percebe atualmente.

Os mausoléus são propriedades privadas das famílias mais antigas e aristocráticas de Buenos Aires, que recolhem uma taxa anual de manutenção à municipalidade. Desde o ano de 1946 todo o cemitério foi declarado Monumento Histórico Nacional, com suas mais de 4.900 sepulturas.⁶ Talvez por esse caráter cívico que adquiriu ao longo dos anos, o cemitério

⁴ No original: “artefactos destinados a representar las glorias de la joven república y honrar el heroísmo de sus héroes” (Aliata, 2009, p. 75). Tradução minha.

⁵ A tradição de colocar caixões em edificações acima do solo, prática visível nos mausoléus do Cemitério da Recoleta, tem raízes nas tradições funerárias europeias, especialmente na França e na Itália, durante os séculos XVIII e XIX. Esse estilo de sepultamento foi popularizado por cemitérios como o Père Lachaise, inaugurado em 1804, que passou a exibir sepulturas monumentais visíveis como forma de ressaltar a memória dos mortos e o status social das famílias. No caso da Recoleta, a prática começou a ser consolidada a partir de 1822, com a inauguração do cemitério, e se intensificou ao longo das décadas seguintes. Isso se deve, em parte, à influência de arquitetos como Carlo Zucchi, italiano que projetou vários mausoléus no local, misturando estilos europeus com a arquitetura funerária local (Aliata, 2009; Andruchow & Morita, 2020).

⁶ *Recoleta: cimiterio, arte e historia*. (1999). Gobierno de La Ciudad de Buenos Aires. <https://recoletacemetery.com/?p=6687>.

não contempla a lógica centro-periferia⁷ tão comum em outras necrópoles, sendo possível encontrar até mesmo ex-presidentes e famosos generais, sepultados nas áreas periféricas, próximas de seus muros.

Visitar o cemitério da Recoleta hoje em dia é a expressão mais concreta do conceito de turismo cemiterial. São raríssimos os sepultamentos atuais e, em lugar de velórios e lágrimas, dezenas de guias turísticos narram histórias românticas, tenebrosas, políticas, artísticas, científicas e outras meras curiosidades sobre o local (Figura 1).

Figura 1: Vista de uma parte do Cemitério da Recoleta com divisões internas semelhantes a ruas e mausoléus imponentes.



Fonte: Arquivo pessoal da autora, 2023.

Com entrada paga, turistas de todas as idades rindo, aglomerados, falando alto em diversos idiomas se divertem e se espantam com caixões de madeira visíveis acima e abaixo do nível da terra, mal protegidos por mausoléus nem sempre tão conservados. Alguns aplicativos de celular propõem vários roteiros aos turistas mais independentes, que se perdem pelas ruas da mais notável cidade dos mortos da Argentina, hoje, um cemitério do tipo “museu nacional” de cerca de 56 mil metros quadrados.

⁷ Em muitos cemitérios, os túmulos centrais, mais elaborados e de maior visibilidade, costumam pertencer às famílias mais prestigiadas, enquanto as áreas periféricas são destinadas às camadas menos favorecidas, reproduzindo espacialmente desigualdades sociais percebidas na cidade (Santos, 2004; Harvey, 2018).

Cemitério de San Jose De Flores

Antes mesmo da independência da Argentina, ainda em 1807, foi criado um campo santo no longínquo distrito (*pueblo*) de San José de Flores, atual comuna 7 da cidade de Buenos Aires. Em 1806, criou-se a primeira paróquia no local e, no ano seguinte, o primeiro cemitério, vizinho à igreja (Braghini, 2020). Com o rápido crescimento da localidade, que servia como rota de transporte para o interior, as áreas residenciais começaram a se expandir em direção à necrópole. Esse avanço urbano trouxe preocupações sanitárias típicas da época, já que a proximidade entre moradias e cemitérios era vista como inadequada para a saúde pública. Como consequência, em 1832, o cemitério foi transferido para um novo local mais afastado das áreas habitadas. A propriedade do terreno escolhido estava em disputa por duas famílias, mas o conflito foi resolvido com a doação das terras para a Igreja para a instalação do novo cemitério (Levinson, 2018).

Em 1855, a necrópole de San José de Flores deixou de ser administrada pela Igreja, passando para a gestão municipal. Esse processo marcou uma mudança significativa no uso e no controle do espaço funerário, alinhando-se a uma tendência mais ampla de secularização dos cemitérios, comum em várias partes do mundo naquele período. Com o rápido crescimento populacional e a expansão urbana da região, uma nova transferência foi realizada em 1867. No entanto, o cemitério anterior continuou em funcionamento até 1872, resultando em um período de cinco anos de coexistência de dois cemitérios na mesma região (Levinson, 2018).

Essa coexistência levanta questões sobre a gestão e o uso simultâneo dos dois espaços: o cemitério antigo, com sua origem paroquial, e o novo, concebido desde o início como um cemitério público e municipal. Esse terceiro cemitério de Flores, inaugurado em 1867, passou a ser conhecido como Cemitério do Sul e permanece em operação até hoje. Ao longo de sua história, o cemitério passou por várias ampliações e remodelações, incluindo a primeira iniciativa municipal de construção de uma área em estilo cemitério-parque, refletindo mudanças nas práticas funerárias e nas ideias urbanísticas (Levinson, 2018; Castiglione, 2020).

Na Buenos Aires do século XIX, os cemitérios começaram a refletir as diferenças sociais da população. O Cemitério de Flores, inaugurado em 1867, destinava-se principalmente à população mais humilde da cidade, diferenciando-se de outros cemitérios projetados para atender às classes mais abastadas (Castiglione, 2020). O terceiro cemitério de Flores (Cemitério do Sul), posteriormente, tornou-se palco de uma importante transformação estética e funcional, materializada no “Gran Panteón - Cementerio de Flores”, projetado por Ítala Fulvia Villa (1913-1991), uma das pioneiras da arquitetura argentina.

Ítala Fulvia Villa nasceu e morreu em Buenos Aires, graduou-se na Faculdade de Arquitetura da Universidade de Buenos Aires em 1935, tendo sido representante da Arquitetura Moderna e a única mulher membro do denominado Grupo Austral. Contratada pelo governo, atuou no plano urbanístico de partes da cidade de Buenos Aires e, em equipe com Horacio

Nazar, planejou a urbanização do Baixo Flores, gigantesco plano de vilas populares. Por esse trabalho, os arquitetos obtiveram o Primeiro Prêmio do VI Salão de Arquitetura, no ano de 1945.⁸

No Cemitério de Flores, a Direção Geral de Arquitetura e Urbanismo do Município de Buenos Aires havia começado um projeto de um edifício para abrigar nichos funerários, em 1948, mas as obras foram interrompidas no início por complicações nas fundações, que eram próximas a uma área alagada. Contudo, o aumento populacional que havia se iniciado na segunda metade do século XIX obrigava o planejamento de uma classe de elementos funerários que permitissem um melhor aproveitamento das áreas cemiteriais. Assim, foi concebido um novo modelo de panteão, a partir de uma releitura dos panteões meritórios e das influências clássicas associadas a Carlo Zucchi, na Recoleta, cuja estética e simbologia haviam sido pensadas para honrar heróis da jovem república mais de 100 anos antes. O panteão de Flores, por outro lado, não era destinado a “mortos especiais”, mas priorizava a funcionalidade, em uma nova estética, organizando nichos idênticos em filas verticais, permitindo acomodar muitos corpos ou restos mortais reduzidos.⁹

Entre 1950 e 1958, a Direção Geral de Arquitetura e Urbanismo retomou os planos paralisados no Cemitério de Flores em um projeto mais amplo para instalação de grandes panteões em dois cemitérios portenhas: Flores e Chacarita, sendo o de Flores remodelado na execução (já que havia sido interrompido por complicações nas fundações), para uma grande estrutura acima do nível da terra, em função das características de seu terreno e o de Chacarita, planejado como subterrâneo. Embora não tenha atuado sozinha, Ítala Fulvia Villa tem recebido os méritos dessas duas construções monumentais uma vez que imprimiu nos projetos das imensas galerias estruturas de estilo brutalista-modernista que definiam o estilo de arquitetura do Grupo Austral que representava, seguindo o mesmo modelo caracterizado pela imensidão, austeridade e ausência de revestimento exterior, que deixa visível o material estrutural. O estilo brutalista está presente em outras edificações da mesma época em Buenos Aires, como a Biblioteca Nacional (projeto de 1962) e o Banco Hipotecário Nacional (antigo Banco de Londres, projeto de 1959), ambas realizadas pelo arquiteto Clorindo Manuel José Testa, que foi colaborador de Ítala Villa nos projetos do cemitério da Chacarita (Rothkopf & Tuma, 2023, p. 210).

A capacidade do *Gran Panteón - Cementerio de Flores* é de quase 12 mil nichos para caixões grandes e de mais de 40 mil para urnas de restos reduzidos, em seus dois andares acima do solo. Hoje, entrar no cemitério de Flores requer, antes de tudo, um deslocamento de mais de uma hora aos longínquos subúrbios de Buenos Aires. O bairro nem lembra a verticalização dos arredores do centro da cidade e abriga classes trabalhadoras em casas simples ou em grandes conjuntos habitacionais vizinhos ao cemitério. Embora o cemitério tenha sofrido muitas transformações ao longo do tempo, preservando diversos estilos funerários, na entrada principal, o que se apresenta em primeiro lugar é o “Gran Panteón”. Estrutura brutal de concreto com uma entrada simétrica, como uma grande “boca”, no meio da qual se instalou um cruzeiro

⁸ Villa, Ítala Fulvia. *Moderna Buenos Aires*. <https://www.modernabuenosaires.org/arquitectos/itala-fulvia-villa>.

⁹ Reduzidos por cremação ou por exumação após o período regulamentar do sepultamento.

moderno, conhecido como “cruzeiro das almas perdidas”, dedicado às famílias enlutadas cujos corpos de seus mortos não foram encontrados (Figura 2).

Figura 2: Vista da entrada do Cemitério de Flores, com destaque para o “Gran Panteón” em estilo brutalista com um moderno cruzeiro ao centro.



Fonte: arquivo pessoal da autora, 2023.

Antes que possa cogitar conhecer os outros espaços do cemitério, um grande magnetismo atrai o visitante ao interior do Panteão. À esquerda da grande “boca”, um busto homenageia Eva Perón, que não está sepultada nesse local. À direita, Nossa Senhora de Lujan, padroeira da Argentina, recebe uma súplica coletiva: “¡Madre, ayúdanos!”. Os imensos corredores de nichos, um tanto opressores, nos fazem sentir pequenos e, a cada passo em que aprofundamos por suas conexões internas, agrava-se uma sensação até então desconhecida em todos os anos caminhando por cemitérios comuns: um forte cheiro de decomposição desafiava os arquitetos, afrontando seus planejamentos de circulação de ar. Uma escuridão gradual em tons marrons, retirados dos mármore, questionava a iluminação desejada pelos projetistas. A cada passo, pesava mais o ambiente e crescia uma claustrofobia abafada diante do gigantesco arquivo da morte portenha. Como uma biblioteca de livros catalogados em altíssimas prateleiras, os corredores comunicam-se por dois andares cujas fotografias não traduzem o que os sentidos captam.

Fora do *Gran Panteón*, em coexistência, na mesma necrópole, permanece o velho terceiro cemitério de Flores (Cemitério do Sul): uma grande área de sepulturas em estilo jardim e outra, mais antiga, que mantém características históricas da época de sua inauguração em 1867 que, tal como a do cemitério da Recoleta, só que menos ornada de artes complexas, mas mantendo o estilo monumental e o habitual modo dos antigos caixões à vista dos passantes. Um pórtico de colunas romanas, no estilo da Recoleta, como uma entrada neoclássica monumental, indica onde se localizava a entrada do cemitério primitivo (terceiro de Flores), apesar de os muros que definiam seus limites terem sido eliminados. Um túmulo localizado ao fim da avenida central, datado de 1868, um ano depois da inauguração do espaço, é dedicado à família Flores, de fundadores do *pueblo*. É fácil notar as anexações de terrenos, as mudanças de estilo e a importante anexação de uma rua que teve seu trânsito interrompido para fazer parte do complexo cemiterial.

Havia movimentação considerável no local, cemitério bastante visitado e com muitas flores, tanto no panteão, quanto nas outras áreas. No dia da visita, pelo menos dois ou três sepultamentos com sentidas despedidas e, ainda, uma não habitual festa de aniversário sobre uma sepultura temporária, com direito a bolo, assopro de velas e crianças cantando, com certa alegria, “¡Feliz cumpleaños, Mamá!”, hábito dos estrangeiros bolivianos, muitos sepultados no local.

Na Figura 3, a parte em laranja em frente à entrada principal retrata o *Gran Panteón*, de Ítala Fulvia. A parte vermelha, próxima ao centro, o cemitério monumental original, terceiro cemitério de Flores (de 1867). A parte verde, demonstra a primeira experiência de um cemitério parque público na cidade. Finalmente, a parte roxa, evidencia a grande área de sepulturas temporárias da necrópole.

Figura 3: Vista da área do cemitério de Flores



Fonte: Levinson (2018, p. 73) com intervenções da autora.

O cemitério semicircular, apresentado na parte roxa da figura acima, sempre foi destinado às classes mais pobres da cidade, já que suas sepulturas são quase integralmente temporárias e de ocupação rotativa (sem possibilidade de aquisição perpétua da concessão do uso do espaço), nos seus impressionantes mais de 200 mil metros quadrados de área.

Cemitério da Chacarita

A palavra “chacarita” é o diminutivo da palavra “chacara”, ou “chacra”, na língua nativa quéchua, usada para designar um lugar de cultivo. Terras anteriormente pertencentes aos padres jesuítas, foram transferidas ao Estado após sua expulsão em 1767. Criou-se no local o Real Colegio Convictorio Carolino de Buenos Aires, que começou a usar uma antiga instalação dos jesuítas como casa de férias dos alunos, motivo pelo qual passou a ser conhecida como La Chacarita de los Colegiales (Del Pino, 1971). Muitas décadas depois, o arrabalde passaria a ter nova utilidade, quando a epidemia de febre amarela de 1871 fez milhares de vítimas que estavam impedidas de serem sepultadas no cemitério da Recoleta. Isso determinou que se fixasse o Cementerio del Oeste, inicialmente destinado aos mortos por febre amarela, uma

vez que seria possível transportar os cadáveres em grande quantidade por meio de um trem que chegava até bem próximo do local de inumação, na estação “Federico Lacroze” (Orsetti & Entraigues, 2005, p. 466). A locomotiva “La Porteña” ficou conhecida como “Tren de los Muertos”.¹⁰ Conta a história que o problema foi tão grave que algumas vezes foram sepultados mais de 500 corpos em um único dia, em serviço que não se interrompia mesmo durante a madrugada (Lazzarino, 2021).

Esse cemitério foi utilizado até 1886, tendo recebido algumas ampliações quando foi fechado e passou a ser conhecido como “La Chacarita Vieja”. No início de 1887 entrou em funcionamento, em um terreno vizinho, a “Chacarita la Nueva” ou “Enterratorio General del Oeste”, projetado no ano anterior pelo arquiteto Juan Antonio Buschiazzi, italiano de nascimento, e pelo francês Enrique Clément, e que funciona até os dias de hoje recebendo grande parte da classe média e personalidades artísticas portenhas. Em 1897 foram exumados os restos de grande parte dos sepultamentos do cemitério velho, trasladados ao antigo ossário da necrópole nova. No local onde funcionou o antigo cemitério sobrecarregado de mortos da febre existe hoje o Parque Los Andes, uma grande e movimentada área verde da cidade (Del Pino, 1971).

Vizinha ao Parque los Andes, é a maior necrópole da Argentina e uma das maiores do mundo, sendo um importante modelo urbano de gestão da morte. Apenas em termos comparativos, La Chacarita possui mais de 930 mil metros quadrados, diante dos menos 500 mil metros quadrados do cemitério de Père- Lachaise, em Paris, que é outro ícone da temática cemiterial. La Chacarita possui 10 mil sepulturas familiares perpétuas, 350 mil nichos, 100 mil sepulturas temporárias em terra (Esteban, 2017, p. 7). O lugar onde está instalada se identifica de tal modo com a necrópole que o nome do bairro Chacarita evoca imediatamente “cemitério”, no vocabulário portenho, como se fossem palavras sinônimas.

O pórtico de entrada da necrópole é no mesmo estilo do pórtico monumental da Recoleta e da área original do terceiro cemitério de Flores. Em Chacarita, a entrada principal direciona o visitante para a área de sepulturas monumentais, ricas em estatuária e disposta em ruas semelhantes às da Recoleta, com grandes mausoléus de famílias, de associações públicas e privadas. À esquerda de quem chega ao cemitério, após o pórtico, entre o início das sepulturas oitocentistas e o seu muro externo, existe uma primeira experiência de arquitetura marcante nos ritos funerários portenhas quando uma nova estética mortuária passou a ser buscada como solução do problema da falta de espaço e do crescimento da população. “Foi no cemitério da Chacarita onde se ensaiaram os primeiros panteões subterrâneos deste gênero; as galerias foram construídas próximas da entrada principal e constituem bons exemplos do modelo”.¹¹

¹⁰ Para saber mais sobre a história do “Tren de los Muertos” e o papel da locomotiva “La Porteña” durante a epidemia de febre amarela em Buenos Aires, consulte a reportagem de Ana Paris publicada no portal Excelencias del Motor. A reportagem explora o contexto histórico e sanitário da época. Disponível em: <https://www.excelenciasdelmotor.com/noticia/el-%E2%80%99Ctren-de-la-muerte%E2%80%99D>.

¹¹ No original: “Fue en el cementerio de la Chacarita donde se ensayaron los primeros panteones subterráneos de este género; las galerías fueron construidas cerca de la entrada principal y constituyen buenos ejemplos del modelo”. Tradução minha. Panteones en dos cementerios portenños. Dirección General de Arquitectura y Urbanismo Municipalidad de la Ciudad de Buenos Aires, proyecto y dirección: arq. Italia Fúlvia. (1961, 18 de junho). *La redacción nuestra arquitectura*, (379), 35-50. https://biblioteca.fadu.uba.ar/tiki/tiki-list_file_gallery.php?galleryId=186.

Em 1935, teve início um ciclo de projetos de cemitérios parque-públicos¹² para a modernização da Chacarita e de Flores. Atualmente, os panteões subterrâneos que se encontram nessa parte da necrópole da Chacarita exprimem perfeitamente essa iniciativa de remodelação.

Entre 1935 e 1965, ocorreu o maior ciclo de propostas e transformações para os cemitérios da cidade. Foram apresentados à Direção Geral de Cemitérios (criada em 1910), projetos que, apesar de suas diferenças quanto à questão estilística, compartilhavam a aspiração formal da ideia de cemitérios-parque públicos como sendo a principal renovação estética sugerida. Por si mesmo, essa característica já indicava uma inescapável dificuldade própria das relações entre cidade, cemitério e formas de arquitetura. Isso ocorreu uma vez que já havia um campo funerário consolidado vinculado à questão do monumento, que é uma categoria construtiva transversal e duradoura na história dos modos pelos quais homens lidam com a morte desde séculos. Dal Castello (2020) indica que muitos dos textos dedicados ao estudo dos cemitérios de Buenos Aires enfocam a abordagem monumental, trazendo à luz, por exemplo, um sepulcro privado e uma obra de arte. O que implica, portanto, um corte parcial da própria história dos cemitérios, que podem ser analisados por suas transformações gerais em torno da questão da monumentalidade.

Em 1937, o engenheiro Alfredo Natale apresentou ao município seu "Proyecto de nuevo sistema de panteón integral para nichos, sepulturas, nichos urnas y nichos ceniceros tendiente a la racionalización en el empleo de la tierra en los cementerios". Já se pode identificar desde o título o desejo de aplicar funções estritamente utilitárias à terra como espaço cemiterial. Segundo Dal Castello (2020), a proposta foi aprovada rapidamente, apesar de ser mais radical do que todas as experiências anteriores do uso de nichos funerários no Cemitério da Chacarita. Pela primeira vez, os nichos foram levados ao subsolo, talvez em uma releitura das antigas catacumbas, dentro de um novo paradigma de enterro público em espaço reutilizável. Toda a superfície se assemelhava ao modelo de cemitério jardim, à exceção das escadarias de acesso aos subsolos e das entradas de luz e de ar. Conforme as citações de Natale, resgatadas por Dal Castello:

A forma típica do Panteão seria construída em um quarteirão separado por ruas arborizadas, o que externamente apresentasse a aparência de um parque-jardim, com as construções artísticas que se ergueriam no centro e nas partes laterais que constituem as escadas de acesso. A decoração subterrânea que Natale imaginou deveria estar de acordo com o "estilo severo desta classe de exigências construtivas", com revestimentos em mármore, elementos como vitrais, bancos e altares, enquanto no exterior formariam "jardins à inglesa" nos quais se destacariam apenas as "obras arquitetônicas", que seriam as entradas dos panteões, sendo, tudo isso, ação resultante de uma atitude de projeto decididamente racional orientada para uma imagem agradável

¹² Trata-se da ideia geral de cemitérios associados à natureza, aos jardins, aos parques de desfrute público ou, em última instância, à noção de paraíso, tudo isso em substituição ao visual considerado ultrapassado e pouco funcional do cemitério monumental, como consideravam os arquitetos da época.

(Dal Castello, 2020, p. 22).¹³

Assim, ia se instalando no cemitério, pouco a pouco, uma contraposição entre a retórica romântica e individualista do luto (com o uso de seus recursos ornamentais, sugerindo o tom de circunspeção idealizada na moral fúnebre de outros tempos) e a nova predominância do espírito público, expresso na relação entre as edificações coletivas, de escala monumental, e as sepulturas individuais e particulares, reduzidas em escala e visibilidade. As linguagens do cemitério pré-existente e as obras de modernização até hoje se misturam com uma certa desarmonia, aos olhos do visitante.

Dal Castello (2020) informa que, embora a proposta de Natale, marcada pela estética *art-déco* da época, fosse, de certo modo, ambiciosa e planejasse, inclusive, a criação de novos cemitérios, a sua realização foi circunscrita a uma área relativamente pequena do Cemitério da Chacarita, tendo sido concluída em 1939. Estão assinados por ele os Panteões subterrâneos Primeiro, Segundo, Terceiro e Quarto. Um Quinto Panteão foi feito logo depois, planejado por F. Bereterbide e E. Muñoz, mas manteve um critério semelhante ao dos panteões adjacentes, enterrando os nichos, iluminando as galerias subterrâneas com a nova tecnologia de blocos de vidro no nível da superfície verde e preservando a ideia de “pátio inglês” (Figura 4).

Figura 4: À esquerda, vista do Primeiro Panteão projetado por Natale; à direita, vista do quinto Panteão projetado por Bereterbide e Muñoz.



Fonte: arquivo pessoal da autora, 2023.

Essas experiências arquitetônicas prévias foram a base onde Ítala Fulvia Villa se alimentou para o que viria a ser o mítico Sexto Panteão no Cemitério da Chacarita. Trata-se de outro panteão subterrâneo, cujo projeto respeitou o traçado original do cemitério, com as linhas diagonais que Buschiazzi havia proposto em 1886. Foi construído em etapas, devido

¹³ No original: “La forma típica del Panteón se construiría en una manzana separada por calles arboladas, la que externamente presentaría el aspecto de jardín parque con las construcciones artísticas que se levantarían en el centro y partes laterales que constituyen las escaleras de acceso. La decoración subterránea que Natale imaginaba debía condecirse con el estilo severo que esta clase de construcciones exige, con recubrimientos marmóreos, elementos como vitraux, bancos y altares, mientras que en el exterior formaría jardines de estilo inglés en los que se destacarían únicamente las obras arquitectónicas, que serían las entradas a los panteones, siendo toda esta acción resultado de una actitud proyectual decididamente “racional” orientada hacia una imagen agradable (Dal Castello, 2020, p. 22). Tradução minha.

à magnitude da obra, na década de 1950, nada menos que ocupando o terreno central do cemitério, “dedicando assim todo o centro geométrico e simbólico ao espaço verde público” (Dal Castello, 2020, p. 25).¹⁴ São oito galerias subterrâneas interconectadas, com dois andares de profundidade abaixo do solo, com mais de 23 mil nichos para caixões grandes e quase 14 mil para caixões menores ou urnas de restos. Anteriormente, esse espaço não havia sido usado formalmente, senão por algumas sepulturas improvisadas na terra que, nos projetos da década de 1930, destinava-se a um estacionamento para automóveis (Figura 5).

Figura 5: À esquerda, vista do acesso ao sexto Panteão projetado por Ítala Fulvia Villa; à direita, vista parcial dos nichos do sexto Panteão.



Fonte: arquivo pessoal da autora, 2023.

Simultaneamente, Villa projetava a execução da obra já mencionada do Grande Panteão do Cemitério das Flores, embora não tenha sido possível realizar uma obra subterrânea devido às condições do solo.

Ainda mais gigantesco, o sexto panteão da Chacarita nos pareceu ainda menos convidativo às caminhadas. As escadarias modernistas descendentes transmitem a opressora sensação de acesso a um inframundo de multiplicações fractais de nichos por corredores escuros, que adensam metro a metro o odor irreproduzível da putrefação. A releitura modernista do “pátio inglês *art-déco*” de Alfredo Natale parece ainda mais brutal, com os gramados interrompidos por respiradouros, como periscópios de submarinos e, abaixo do nível do jardim, o silêncio e a solidão, sob toneladas de concreto armado coloridas por um quase macabro jogo de luz e sombras. Nada disso diminui o mérito de o Sexto Panteão representar a experiência rara do primeiro ensaio mundial de arquitetura moderna aplicada ao domínio funerário em tal dimensão.¹⁵

La Chacarita, em seu papel singular em Buenos Aires, por não ter sido nunca administrado pela Igreja Católica, nem ter recebido sua bênção oficial, acabou por acolher em sua área alguns cemitérios de “dissidentes” do passado, enquanto estes iam se extinguindo

¹⁴ No original: “Dedicando así todo el centro geométrico y simbólico al espacio verde público” (Dal Castello, 2020, p. 25). Tradução minha.

¹⁵ Para mais informações sobre a atualidade desta necrópole, recomenda-se o vídeo de Namer, L. (Produc.) (2019). Chacarita Moderna - Capítulo I: Inframundo (VOST). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=0Gr4e1Wp_kg.

pela cidade, notadamente judeus e protestantes. As áreas dos cemitérios Britânico e Alemão, existentes em seu interior, por exemplo, merecem estudo a parte, que ultrapassa a pretensão deste artigo. Talvez pela mesma razão de ser uma necrópole laica de nascença, tenha sido local da instalação do primeiro e único crematório público da Argentina, no ano de 1903, fato que analisaremos a seguir.

As cremações, a tradição cultural cristã e o sistema cemiterial

Na cultura ocidental, a Igreja Católica, patrona dos sepultamentos e da “verdade” sobre a morte, por muitos séculos esteve no comando das práticas cemiteriais e no monopólio da administração dos locais de enterramento. Teixeira (2022) observa que as prerrogativas da Igreja foram tão determinantes no culto cemiterial dos mortos, que surgiu daí a expressão designativa “campo santo”. Na Argentina, o processo de resistência às mudanças não foi diferente, tendo a Igreja tomado posição de opositora por diversas vezes em todo o processo de transposição de suas áreas à administração pública, como também em todas as grandes reformas na estética e na gestão funerária.

Se, inicialmente, a Igreja já esteve oposta aos cemitérios do tipo jardim, julgando que eram um mascaramento desrespeitoso das tradições funerárias e dizendo que se desejava, de fato, a “transformação do cemitério em um parque ou qualquer outra coisa onde nada fale da morte” (Meinvielle, 1941, *como citado em* Dal Castello, 2020, p. 03),¹⁶ mais ainda se opunha no que diz respeito à prática da cremação, acusada, inicialmente, de ser contrária à crença na ressurreição da carne.

Em Buenos Aires, a segunda metade do século XIX, com suas epidemias que se aproximaram de verdadeiras catástrofes (principalmente a de cólera de 1867 e a de febre amarela de 1871), foi o ambiente para novas preocupações da assistência médica no que diz respeito à saúde coletiva. Deste modo, o que a Argentina viveu foi, igualmente, um processo cultural que teve importantes conotações políticas.

Desde as últimas décadas do século XIX, a necessidade da intervenção dos profissionais no desenvolvimento de políticas de Estado foi sustentada com particular firmeza pelos higienistas. As perturbações geradas pela urbanização, imigração e a incipiente industrialização, contribuíram para o crescimento da influência e no prestígio desses médicos, muitos dos quais também foram importantes pensadores e homens de Estado (Kepelusz-Poppi, 2011, p. 121).¹⁷

¹⁶ No original: “transformación del cementerio en un parque, o en cualquier otra cosa donde nada hable de la muerte” (Meinvielle, 1941, *como citado em* Dal Castello, 2020, p. 03). Tradução minha.

¹⁷ No original: “Desde las últimas décadas del siglo XIX la necesidad de la intervención de los profesionales en el desarrollo de las políticas de estado había sido sostenida con especial firmeza por los higienistas. Las disrupciones generadas por la urbanización, la inmigración y la incipiente industrialización, habían contribuido al crecimiento de influencia y prestigio del que disfrutaban estos médicos, muchos de los cuales eran también importantes pensadores y hombres de estado” (Kepelusz-Poppi, 2011, p. 121). Tradução minha.

O pânico social generalizado acabou criando um ambiente de cada vez mais urgência aos órgãos e funcionários encarregados de projetar e implementar medidas sanitárias. Assim, legitimava-se a intervenção do Estado na saúde, com medidas coercitivas, algumas vezes impopulares. Mas, mesmo em ambiente político conturbado por outras razões nacionais, os médicos higienistas fizeram da saúde um espaço de consenso político e ideológico. Com o surgimento de novas especialidades médicas, nomeadamente a epidemiologia e a bacteriologia, assim como a consolidação da intervenção dos médicos em matéria de saúde pública, foi necessário coordenar as ações das autoridades por meio da criação de agências estatais, a exemplo da Direção Nacional de Higiene (em 1880) e da Direção Geral da Assistência Pública da cidade de Buenos Aires (em 1883). Esse foi o ambiente para médicos como José María Ramos Mejía (1849-1914) e José María Penna (1855-1919), primeiros epidemiólogos da América do Sul (Alvarez, 1999).

Diante dessa situação com claras repercussões cemiteriais, já em 1885, Ramos Mejía apresentou 11 projetos sanitários ao governo da cidade, a maioria dos quais foi aprovada até o final da década. Um dos projetos dizia respeito à cremação de cadáveres nos hospitais, quando os falecidos não tivessem família. Entre os anos de 1886 e 1887, José Penna atuou destacadamente nas epidemias de cólera e impulsionou a ideia de isolamento dos enfermos e da cremação dos falecidos (que já não eram aceitos no cemitério da Recoleta, por exemplo) como meio de controlar o contágio.

Sob essa influência, uma Lei de 7 de abril de 1886 dispôs sobre a necessidade de que fosse estabelecido um forno crematório público para cremação dos falecidos por enfermidades epidêmicas. Contudo, a lei não foi cumprida por quase vinte anos em razão das resistências em se adotar este rito funerário estranho, tanto à sociedade (em especial às elites), quanto à Igreja Católica, que também eram vítimas do flagelo e que desejavam para si o modelo de cemitério monumental (que vivia seu auge). Foi neste sentido que, em “19 de maio de 1886 a Santa Sé, em Roma, emitiu um decreto chamado *Quoad cadaverum cremationes*, proibindo absolutamente a todos os católicos de deixarem instruções visando a cremação de seus corpos” (García Cuerva, 2016, p. 31).¹⁸ A manifestação da Igreja ocorreu, principalmente, em resposta à Maçonaria que, durante o século XIX, segundo a Santa Sé, fomentava a cremação, muitas vezes mascarando um ataque à fé católica em argumentos de higiene.

Na Argentina, alguns setores da população sempre perceberam o plano de inspeção higienista, a busca de doentes, o confinamento e a cremação de cadáveres como excessivamente opressivos e contrários aos direitos individuais. Por isso, o atraso na criação do Crematório Público do Cemitério da Chacarita, somente habilitado para uso em 13 de novembro de 1903. Um pouco antes, em 1889, José Penna publicou “*La cremación en América y particularmente en la Argentina*”, um livro dedicado ao seu companheiro José Manuel Ramos Mejía, que se tornou um incentivo científico da prática da cremação cadavérica não apenas por causas de higiene sanitária. E, gradativamente, as cremações foram se tornando um costume à escolha

¹⁸ No origina: “El 19 de mayo de 1886 la Santa Sede emitió un decreto Quoad cadaverum cremationes prohibiendo absolutamente a todos los católicos dejar instrucciones en vistas a la incineración de sus cuerpos” (García Cuerva, 2016, p. 31). Tradução minha.

dos falecidos e de suas famílias, compondo uma lenta modificação no sistema cemiterial. Em 1914 foram construídos novos fornos crematórios em Chacarita e em 1919, no falecimento de José Penna, a leitura de seu testamento revelou seu desejo de também ser cremado, no mesmo rito. Em 1930, ampliou-se o imponente edifício neoclássico do crematório, onde hoje, o visitante encontra, além de duas enormes chaminés industriais, um memorial de José Penna oferecido em 1923, pela Associação Argentina de Cremação, e a singela placa de bronze onde se pode ler *"Siempre te recuerdam con cariño e veneración tu esposa y tu hija Susana"*. Conversando com um funcionário do local, consegue-se facilmente a informação que ali são incinerados cerca de 30 corpos por dia, fato que se verifica pelo amontoado de caixões vazios em uma área lateral, protegida por um muro e um portão.

Diego Fernando Guerra (2014) afirma que a retórica cremacionista argentina iniciada com o manejo dos corpos das epidemias ganhou tons severos pela classe científica que, segundo o autor, desejava civilizar pelo horror da exibição da decomposição humana. Guerra relacionou o discurso cremacionista com a crescente reprodutibilidade de imagens e com a popularização da fotografia e do filme. Assim, ao argumento médico sobre a sociedade civilizada, agregou-se o apelo ao "imaginário do monstruoso, a fim de conscientizar os leitores sobre o horror invisível e as ameaças que estavam presentes nos ritos funerários tradicionais [...] a partir da inserção, na imprensa ilustrada, dos medos coletivos e tabus inspirados por cadáveres, bactérias e vermes" (Guerra, 2014, p. 2).¹⁹

O próprio José Maria Ramos Mejía, citado por Guerra (2014), faz o prefácio de *"La cremación en América y particularmente en la Argentina"*, de José Penna, sugerindo uma imaginação assustadora:

Imaginemos por um instante um corpo em putrefação: azul, verde, lívido, amarelo o rosto e a carne dos membros deformados e até em atitudes ridículas pela decomposição desigual dos músculos; o rosto outrora sereno e belo de um velho de fisionomia muito doce e amável, inchado e brutalmente desfigurado pelo edema final da decomposição, o rosto e o corpinho branco e transparente de uma criança amada cuja carne é perfumada por aquele cheiro peculiar de carne dos filhos, inchando como uma bexiga, expelindo líquidos impuros da boca e inspirando o mais atroz desgosto no próprio pai (Ramos Mejía in Penna, 1889: XIX-XX, como citado em Guerra, 2014).²⁰

¹⁹ No original: "que apeló con frecuencia al imaginario de lo monstruoso para concientizar a sus lectores sobre el horror invisible y las amenazas que encerraban los ritos funerarios tradicionales [...] la imagen a partir de su inserción en la prensa ilustrada de masas como a los miedos colectivos y tabúes inspirados por cadáveres, bacterias, gusanos" (Guerra, 2014, p. 2). Tradução minha.

²⁰ No original: "Imaginemos por un momento un cuerpo en putrefacción: azul, verde, lívido, amarillo el rostro y las carnes de los miembros deformados y hasta en actitudes ridículas por la desigual descomposición de los músculos; el rostro antes apacible y bello de un anciano de fisonomía dulcísima y amable, hinchado y brutalmente desfigurado por el edema final de la descomposición, la cara y el cuerpecito blanco y transparente de un niño querido con la carne perfumada por ese olor peculiar a las carnes lozanas de los niños, abultado como una vejiga, arrojando por la boca líquidos inmundos e inspirando la más atroz repugnancia al padre mismo" (Ramos Mejía in Penna, 1889: XIX-XX, citado em Guerra, 2014). Tradução minha.

Os defensores da cremação buscaram reforçar seus argumentos provocando essa classe de impacto ao público geral, mesmo aos não afetados pelas epidemias, pois a “monstruosa” perda da identidade dos corpos na sua decomposição era para todos. Segundo Guerra (2014), a campanha pela disseminação da cremação no país assumiu características de uma verdadeira batalha cultural contra as crenças e práticas tradicionais da inumação, inserida, por sua vez, no não menos conflituoso processo de conformação de um Estado liberal e laico.

A própria Associação Argentina de Cremação, que homenageou José Penna no Crematório da Chacarita em 1923, havia sido fundada há pouco tempo. O grupo vinha acumulando êxitos na aprovação de mudanças legislativas para autorização das cremações voluntárias e na própria participação dos seus membros na vida política. A Associação publicou um Boletim de circulação pública, a partir de 1923, com o fim de estimular o debate sobre a cremação e seu conhecimento por parte do público. Diego Fernando Guerra e outros pesquisadores produziram estudos sobre esses textos, que aproveitaram ao máximo o poder persuasivo do visual, sempre contrapondo a imagem do luxuoso caixão de madeira encerada (onde os enlutados pensam que descansa o parente amado, tal como se despediram pela última vez) e o que, de fato, acontecia dentro do caixão (Guerra, 2014). Com isso, queriam associar a decomposição à profanação, que só pode ser evitada reduzindo-se o cadáver a brancas cinzas que, segundo eles, impõem veneração e respeito.

É possível que a adesão ao processo da cremação possa ser explicada pela relativa mudança de atitude da Igreja Católica: uma mudança de atitude não representa, necessariamente, uma mudança na cosmovisão cristã. A decomposição do corpo nunca foi vista como um problema para Igreja, pois, em sua visão sobre a morte, para ressuscitar com Cristo, é necessário morrer com Cristo, isto é, “exilarmo-nos do corpo para irmos habitar junto do Senhor” (2 Cor 5, 8). O corpo é parte do que se abandona no mundo para ressurgir com Cristo e, assim como tudo no mundo, o corpo perece. O tema só se tornou um problema para os sanitaristas e, também, para os cremacionistas quando esse “perecimento” se revestiu de ameaça à saúde dos vivos. Em 1963, no documento do Vaticano “*Piam et Constantem*”, a Igreja Católica esclareceu que fosse “fielmente conservado o costume de enterrar os cadáveres dos fiéis”, acrescentando ainda que a cremação não era “em si mesma contrária à religião cristã”. Mais ainda, afirmava que não deviam ser negados os sacramentos e as exéquias àqueles que pediram para ser cremados, desde que tal escolha não fosse desejada “como negação dos dogmas cristãos, ou num espírito sectário, ou ainda, por ódio contra a religião católica e à Igreja”.²¹

Ocorre que a prática da cremação se difundia pelo mundo, em algumas nações mais do que em outras, e não necessariamente como um contraponto à fé da Igreja (Prothero, 2001). Nesse contexto, a Igreja considerou oportuno publicar uma instrução sobre a sua preferência pelo sepultamento dos corpos, mas normatizando o que dizia respeito à conservação das cinzas no caso da cremação. Essa foi a origem da instrução “*Ad resurgendum cum Christo*: a propósito da sepultura dos defuntos e da conservação das cinzas da cremação”, de 2016. Nela se esclareceu que, na cosmovisão cristã,

²¹ *Piam et Constantem: instrucción sobre cremación*. (1963, 8 de julho). Congregação para a doutrina da fé. <https://diario7-archivos.blogspot.com/2000/09/piam-et-constantem-8-de-mayo-de-1963.html>.

*graças a Cristo, a morte cristã tem um significado positivo. [...] Seguindo a antiga tradição cristã, a Igreja recomenda insistentemente que os corpos dos defuntos sejam sepultados no cemitério ou num lugar sagrado. [...] a inumação é, antes de mais, a forma mais idónea para exprimir a fé e a esperança na ressurreição corporal. [...] Enterrando os corpos dos fiéis defuntos, a Igreja confirma a fé na ressurreição da carne.*²²

Com esse entendimento, tentou evitar as noções que considerava pagãs, niilistas, os pensamentos naturalistas de fusão com o universo ou com a mãe natureza e, igualmente, os conceitos depreciativos do corpo ou reencarnacionistas. O enterro dos corpos dos fiéis defuntos está relacionado à ideia da ressurreição da carne na medida em que “Cristo ressuscitou dos mortos, como primícias dos que morreram: do mesmo modo que em Adão todos morreram, assim, também, em Cristo, todos serão restituídos à vida” (1 Cor 15, 20-22). O documento indica que nos casos e locais em que são indicadas a cremação por motivo

*higiénico, econômico ou social [...] a Igreja não vê razões doutrinárias para impedir tal prática; uma vez que a cremação do cadáver não toca o espírito e não impede a onipotência divina de ressuscitar o corpo. Por isso, tal fato, não implica uma razão objetiva que negue a doutrina cristã sobre a imortalidade da alma e da ressurreição dos corpos. A Igreja continua a preferir a sepultura dos corpos uma vez que assim se evidencia uma estima maior pelos defuntos; todavia, a cremação não é proibida, a não ser que tenha sido preferida por razões contrárias à doutrina cristã.*²³

Superado o impacto do luto, muitas famílias não sabem que destino dar às cinzas de seus entes querido (Davies, 2010). Para estes, a instrução de 2016 da Igreja diz que as cinzas dos defuntos devem ser guardadas em lugar sagrado, seja um cemitério ou uma igreja ou lugar especialmente indicado para esse fim por uma autoridade da Igreja. Segundo sua visão, isso “favorece a memória e a oração pelos defuntos da parte dos seus familiares e de toda a comunidade cristã, assim como a veneração dos mártires e dos santos”.²⁴ Assim, a Igreja não consente a conservação das cinzas em casa, sua repartição entre familiares, transformação em peça de joalheria, tampouco, sua dispersão na natureza.

Como desde 1963 a Igreja não se posicionava contrariamente à cremação e, vez ou outra, a hipótese aparecia citada em algum documento oficial, o padre Miguel Ángel Lagilla, capelão do cemitério da Chacarita (onde já havia fornos crematórios desde 1903), propôs, juntamente com a equipe da “*Pastoral de los Difuntos*”, uma ideia inovadora ao arcebispo de Buenos Aires à época, Cardeal Jorge Bergoglio.²⁵ Tratava-se de uma iniciativa de construir

²² *Ad resurgendum cum Christo*: a propósito da sepultura dos defuntos e da conservação das cinzas da cremação. (2016, 15 de agosto). Congregação para a doutrina da fé. https://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/documents/rc_con_cfaith_doc_20160815_ad-resurgendum-cum-christo_po.html.

²³ Idem.

²⁴ Idem.

²⁵ Bergoglio foi Arcebispo de Buenos Aires entre 1998 e 2013. Antes disso, havia ocupado os cargos de Bispo Auxiliar (1992-1997) e Arcebispo Coadjutor (1997-1998).

um *cinerário* oficial em sua paróquia para receber cinzas dos fiéis defuntos que houvessem sido cremados. Afinal, segundo sua argumentação, os fiéis cremados fazem parte da igreja que se divide entre os que peregrinam na terra, os defuntos que estão levando a cabo a sua purificação e os bem-aventurados do céu: formando todos uma só Igreja. Portanto, podem ser reunidos em um repositório comum de restos mortais, dentro da paróquia, para que sejam lembrados e recebam orações. O cardeal não criou objeções e o padre Lagilla construiu um primeiro cinerário na sua paróquia (Todos los Santos y Ánimas), no bairro da Chacarita, em 2002.²⁶ Com a difusão rápida da ideia original para outras paróquias, em janeiro de 2006, o Cardeal Bergoglio difundiu recomendações para a instalação dos cinerários, esclarecendo que não era uma obrigação das paróquias possuírem um, mas, aquelas que o desejassem, deveriam fazê-lo conforme alguns padrões.

O padre Miguel Ángel Lagilla considerou o cinerário como um invento argentino. Cada vez mais paróquias portenhas instalaram cinerários e, atualmente, são mais de 40. Na estrutura do cinerário, para cada metro cúbico, cabem cinzas de mais de 5 mil pessoas. Algumas paróquias cobram uma contribuição das famílias para manutenção do cinerário, o valor varia entre as paróquias, sendo, em algumas, fixo, em outras, voluntário e, em outras, não se cobra nada (García Cuerva, 2016).

No Brasil já são conhecidos os *columbários*, geralmente localizados em cemitérios privados. Neles, as cinzas são colocadas em unidades chamadas nichos, com capacidade para abrigar uma ou mais urnas identificadas com o nome da pessoa falecida. Diferente é a situação dos *cinerários* das paróquias portenhas, nos quais as cinzas do defunto são depositadas em comum, sem urna única, o que obriga que cada depósito de cinzas deve ser registrado em um livro, identificando o defunto, o dia do falecimento e o dia em que foi depositado.

Atualmente, 18 fornos no cemitério da Chacarita trabalham sem parar e 57,89% dos cadáveres que ingressaram no sistema funerário portenho foram convertidos em cinzas.²⁷ Chacarita possui um cinerário laico e público em sua área: trata-se de um local próximo de um dos seus muros, onde as pessoas podem depositar cinzas em urnas ou não. Segundo os dados de Hugo Martín, no ano de 2011, as cremações eram calculadas como 44,95% do total de falecidos ingressados do cemitério; no ano de 2016, a cifra subiu para 49,84%; em 2019, para os citados 57,89%.²⁸ Uma das razões para esse crescimento é econômica, uma vez que se evita o pagamento das taxas anuais de arrendamento de sepultura. A taxa da cremação, bem menor, só é paga uma única vez e não é necessário arrendar um nicho para custódia das cinzas, que podem ser levadas ao cinerário público ou ficarem sob responsabilidade de familiares.

Reflexões de Geografia Cemiterial

²⁶ Massocco, L. (sem data). El cinerario parroquial. *Parroquias Porteñas*. <https://baparroquias.wordpress.com/documentos/>.

²⁷ Martín, H. (2020, 21 de fevereiro). Dieciocho hornos en el cementerio de la Chacarita, trabajando sin parar: ¿por qué cada vez hay más cremaciones? *Periódico Infobae*. <https://www.infobae.com/sociedad/2020/02/21/dieciocho-hornos-en-el-cementerio-de-la-chacarita-trabajando-sin-parar-por-que-cada-vez-hay-mas-cremaciones/>.

²⁸ Idem.

Refletindo sobre as necrópoles portenhas e aproximando-as da nossa experiência com rituais de sepultamento brasileiros, é possível traçar uma breve comparação entre a capital Argentina, Buenos Aires, e a capital do Estado do Espírito Santo, Vitória, no Brasil. A escolha de Vitória para este estudo reflete uma experiência pessoal e aprofundada da autora, que já pesquisou os cemitérios desta cidade, explorando as desigualdades sociais neles presentes.

A cidade de Vitória, capital do Estado do Espírito Santo, conta com aproximadamente 370 mil habitantes, possuindo apenas 126.550 m² de área cemiterial. Devido à gestão espacial insuficiente, depende de um microssistema integrado, com um total de mais de 874.550 m², incluindo grandes cemitérios parque privados da região metropolitana. Dessa forma, compreende-se que, na produção histórica de seus territórios cemiteriais, Vitória/ES fica obrigada a se apoiar em um microssistema de cemitérios particulares em municípios vizinhos, encarregados de receber um excedente de cadáveres da classe mais favorecida da população, já que, há anos, morrem mais pessoas do que a capacidade de sepultamentos da cidade e Vitória possui um cemitério público rotativo (de sepulturas temporárias) capaz de atender a demanda dos menos favorecidos (Teixeira, 2022).

Já a cidade de Buenos Aires tem a população de aproximadamente 3 milhões de pessoas (de acordo com o último Censo de 2010)²⁹ e uma área cemiterial de 1.194.000 m², sendo que destes, 56.000 m² correspondem ao cemitério da Recoleta, que praticamente não realiza sepultamentos hoje em dia. Comparativamente, a cidade de Vitória tem (sem contar o microssistema) 2,92 m² de área cemiterial por habitante, já a cidade de Buenos Aires tem 2,51 m² de área cemiterial por habitante. Os números de ambas as cidades são insuficientes para abrigar os cadáveres de sua população, considerando o crescimento populacional, o tempo de renovação das sepulturas e o esgotamento do espaço pelas perpetuidades. A solução encontrada pela cidade de Vitória, de acordo com Teixeira (2022), foi o recurso ao microssistema cemiterial (microssistema de cemitérios particulares em municípios vizinhos que recebem o excedente de cadáveres).³⁰ E qual a solução de Buenos Aires?

Essa pergunta nos remete a uma outra, ainda mais complexa. *Buenos Aires tem mesmo três cemitérios, apenas?* O conceito de cemitério talvez tenha sofrido várias reinterpretações portenhas, notadamente, com a criação dos grandes panteões e com a popularização das cremações. Se os grandes panteões se tratam, talvez, de uma reinterpretação das catacumbas, o que as igrejas se tornaram com os cinerários, atualmente? Retomada a tradição de unirem-se os cemitérios aos templos católicos, os cristãos voltam a ser sepultados em "solo sagrado" e as igrejas se convertem, novamente, em cemitérios? Cremos que sim.

Nos movimentos da cultura funerária portenha, a visibilidade da morte foi inicialmente valorizada nos cemitérios do século XIX. Com o passar do tempo, houve uma mudança para ocultar a morte, especialmente durante os surtos de febre, quando as cremações compulsórias foram introduzidas. Essa transformação prosseguiu até o início do século XXI, refletindo as

²⁹ A região metropolitana Buenos Aires tem uma população de cerca de 13 milhões de pessoas, sendo o terceiro maior conglomerado urbano da América Latina.

³⁰ O conceito de microssistema cemiterial foi desenvolvido em nossa dissertação de mestrado, que analisou a formação territorial dos cemitérios de Vitória (Teixeira, 2022).

mudanças nas práticas e nas percepções sociais em relação à morte e ao sepultamento. Os signos foram revistos e os cemitérios antigos contam cada parte dessa trajetória, *mas os cinerários conduziram a morte para fora da área cemiterial* e, cada vez mais, a movimentada Igreja católica de Buenos Aires retoma para si parte do sistema funerário. Como nos velhos tempos. A Igreja portenha não incentiva a cremação, mas a acompanha, e, ao oferecer o cinerário, recupera o conceito de celebrar a vida e a morte no mesmo local onde as pessoas vivem sua fé.

Nos cinerários, o depósito das cinzas é perpétuo e registrado em livro próprio. A família recebe um certificado de algumas paróquias, juntamente com um cartão com o seguinte texto:

*Estou à beira-mar. Um navio iça suas velas brancas na brisa da manhã e navega para o oceano. Olho para ele até que ele desapareça no horizonte e, ao meu lado, alguém corre para comentar: 'O navio sumiu'. Ausente? Onde? A perda da visão está em mim, não no navio, que continua navegando com toda a sua habilidade. No preciso momento em que alguém menciona o seu 'desaparecimento', há outros que o vêem chegar e outras vozes entoam o grito de alegria: 'Lá vem ele!' Assim é a morte.*³¹

Na cosmovisão cristã, o fato de as cinzas de todos os falecidos estarem juntas, não é impedimento ao poder de Deus, nem obstáculo para a ressurreição que, segundo a crença, acontecerá quando Cristo voltar, pela segunda vez, em sua glória. Desse modo, entende-se que os espaços funerários, sejam cemitérios ou cinerários, são locais onde a cultura e o poder se manifestam, refletindo a complexidade das dinâmicas sociais e políticas associadas aos rituais de morte e aos espaços destinados aos falecidos (Castiglione, 2023).

*A geografia é a ciência da localização. E a localização é um feito cultural por excelência. [...] A expressão 'geografia humana' é um pleonismo. A geografia é sempre humana porque não pode ser outra coisa e não pode ser mais do que isso. O que se chama geografia política, física, econômica, são apelidos universitários de uma descrição convencional; meridianos e paralelos de um Greenwich variável no ponto de partida e na profundidade para obter um fim somente: a localização do homem (Escardó, 1966, p. 11).*³²

A geografia cemiterial é parte da geografia humana e cultural, tanto no sentido de ser um ramo de saber que pretende localizar o homem sobre a terra, com seus ritos funerários, quanto no sentido de localizar o homem sob a terra, compreendendo o espaço que ocupa e

³¹ Poema atribuído ou ao Bispo Charles Henry Brent (1862-1929) ou ao Cônego Henry Scott Holland (1847-1918). Não foi possível encontrar a data de publicação original, mas ele é publicado (em inglês) desde pelo menos a década de 1910, sendo um dos poemas funerários mais famosos. <https://www.thefuneralpoem.com/10/famous-poets-poems/bishop-brent/23/the-ship-death-poetry-verses?paid=12>.

³² No original: "La geografía es la ciencia de la ubicación. Y la ubicación es una hazaña cultural por excelencia. [...] La expresión "geografía humana" es un pleonismo. La geografía es siempre humana porque no puede ser otra cosa ni puede ser más que eso. Lo que se llama geografía política, física y económica son apodos universitarios de descripción convencional; Meridianos y paralelos de un Greenwich variables en punto de partida y profundidad para obtener un solo fin: la ubicación del hombre" (Escardó, p. 11, 1966). Tradução minha.

o motivo de ocupar esse espaço. A geografia cemiterial está interessada na intencionalidade geográfica entre os cemitérios e o território em que estão localizados, na sua organização interna, nos ritos, signos, sistemas, nas cartografias, funções e no movimento histórico incessante da produção e reinterpretação dos territórios da morte na cultura e na cidade. Tudo isso foi o que buscamos, brevemente, observar durante um passeio de verão.

Conclusão

Este estudo deve ser consciente de suas limitações. Não foi realizada, como se poderia, uma geografia histórica que exaurisse a trajetória cultural dos cemitérios portenhos, não foi feito um exame completo das transformações sociais no que diz respeito à incorporação do discurso cremacionista na virada do século, tampouco, sobre cada movimento da Igreja católica com relação a esse tema. Também não se buscou uma análise completa das necrópoles, no que diz respeito às suas características arquitetônicas e às correspondências delas com as epidemias enfrentadas na Argentina. Contudo, acreditamos ter conseguido, apresentar um tema pouco explorado pelo ambiente acadêmico brasileiro.

Compreendemos uma linha evolutiva (ou de transformações gerais) a que se submeteram os territórios cemiteriais da cidade de Buenos Aires, vistos a partir dos três existentes atualmente: desde os sepultamentos em igrejas, à produção dos cemitérios oitocentistas monumentais, com seus inabituais caixões expostos, que estavam ligados, ainda mais, aos riscos das epidemias, passando pelo nascimento do discurso higienista e cremacionista, a oposição da Igreja e as lentas modificações do ambiente cemiterial, com os panteões *art-déco* e modernistas, os crematórios e, finalmente, os cinerários que propuseram um movimento mais recente no território da morte portenha.

Os cemitérios de Buenos Aires possuem grande importância histórica e cultural, representando importantes espaços de memória coletiva e de reconhecimento daqueles que contribuíram para a construção da nação argentina. Por meio da análise das transformações dos ritos funerários e da perspectiva geográfica, podemos compreender melhor as modificações pelas quais a cidade e a sociedade de Buenos Aires passaram ao longo do tempo, além de refletir sobre questões como a morte, a memória e a identidade cultural. A geografia cemiterial, como um campo de estudo interdisciplinar e multifacetado, está interessada na relação entre a morte e o espaço. Com essas reflexões, tivemos interesse na análise da localização dos cemitérios de Buenos Aires em relação a outros elementos geográficos, respeitando suas características culturais, históricas e sociais, assim como, o modo como elas se refletem em sua organização espacial.

Observando as cidades de Vitória e Buenos Aires, no que se refere à área cemiterial, ambas apresentam números insuficientes, considerando o crescimento populacional e o tempo de renovação das sepulturas. Em Vitória, a solução foi a criação de um microsistema cemiterial, enquanto em Buenos Aires, o conceito de cemitério parece ter sofrido várias reinterpretações ao longo do tempo, com a criação de grandes panteões, com a popularização das cremações e, finalmente, com a implantação dos cinerários. A difusão da cremação na Argentina, iniciada

no final do século XIX, assumiu características de uma batalha cultural envolvendo as crenças e práticas tradicionais da inumação. Contudo, o papel da Igreja católica na inclusão dos cinerários paroquiais representou, segundo nos parece, a produção de novos marcos urbanos, onde o território da cidade, reinterpretado, reencontra o território da morte.

Referências Bibliográficas

Aliata, F. (2009). Entre la neutralidad técnica y el compromiso político. Carlo Zucchi em el Rio de la Plata. In F. Aliata (Ed.). *Carlo Zucchi: arquitetura, monumentos, decoraciones urbanas (1826-1845)* (pp. 61-114). Universidad Nacional de La Plata. <https://libros.unlp.edu.ar/index.php/unlp/catalog/view/516/470/1702-1>.

Alvarez, A. (1999). Resignificando los conceptos de la higiene: el surgimiento de una autoridad sanitaria en el Buenos Aires de los años 80. *Revista História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, 6(2), 7-18. <https://www.scielo.br/j/hcsm/a/gPmx6T8kKJWfjRcpQhbrWcK/?lang=es>.

Andruchow, M., & Morita, M. (2020). Estudio histórico y recreación virtual 3D del Panteón de los Ciudadanos Meritorios - Cementerio de la Recoleta- de Carlo Zucchi. *Estudios del Hábitat*, (18)1, 2-16. <https://revistas.unlp.edu.ar/Habitat/article/view/9337/8961>.

Ariès, P. (1988). *Sobre a história da morte no ocidente desde a Idade Média*. Teorema.

Braghini, A. (2020). Cementerio de Flores de la Ciudad Autónoma de Buenos Aires. In M. C. Laje (Comp.) *Primera Guía de Cementerios de la República Argentina: Una sinfonia inconclusa* (1ª ed., pp. 88-90). Do Autor. https://www.sanandresdegiles.gob.ar/sites/default/files/guia_de_cementerios_argentina_2020.pdf.

Castiglione, C. (2020). Ellos están con nosotros: Un recorrido por el Cementerio de Flores. *Revista de política, derecho y sociedad*, (15), 251-258. https://ri.conicet.gov.ar/bitstream/handle/11336/168289/CONICET_Digital_Nro.4f5f1498-3941-4667-aa33-4b5876a9d3a3_A.pdf?sequence=5&isAllowed=y.

Castiglione, C. (2023). *Cementerios y migraciones: memorias, espacios funerarios y otras historias de la provincia de Buenos Aires*. Editorial Edunpaz. <https://edunpaz.unpaz.edu.ar/OMP/index.php/edunpaz/catalog/book/101>.

Dal Castello, D. (2020). ¿Modernidad o decoro? El cementerio parque público como problema proyectual, Buenos Aires, 1935-1965. *Seminário de crítica*, (236), 02-36. <https://www.iaa.fadu.uba.ar/publicaciones/critica/0236.pdf>.

Davies, J. D. (2010). *Cremation Today and Tomorrow*. Gorgias Press.

Del Pino, D. A. (1971). *La Chacarita de los Colegiales*. Municipalidad de la Ciudad de Buenos Aires.

Escardó, F. (1966). *Geografía de Buenos Aires*. Editorial Universitario de Buenos Aires.

Esteban, P. (2017). *Entre ciudad y fábrica: las representaciones sociales y las prácticas laborales de los trabajadores del Cementerio de la Chacarita respecto a la muerte*. [Maestría en Sociología de la Cultura y Análisis Cultural, Universidad Nacional de San Martín]. https://ri.unsam.edu.ar/bitstream/123456789/864/1/TMAG_IDAES_2017_EPO.pdf.



Fiquepron, M. (2020). *Morir en las grandes pestes. Las epidemias de cólera y fiebre amarilla en la Buenos Aires del siglo XIX*. Siglo Veintiuno.

García Cuerva, J. I. (2016). *Exequias eclesíásticas y cementerios en el Derecho Canônico*. Tese [Licenciatura em Direito Canônico, Pontifica Católica Argentina]. <https://diocesisrgallegos.wixsite.com/1abril1520/copia-de-tesis-exequias>.

Geert, C. (2008). *A interpretação das culturas*. Editora LTC.

Gentile, N. S. (2005). Enterramientos antiguos en las iglesias de la Ciudad de Buenos Aires: siglos XVII y XVIII. In L. Maronese (Comp. y Coord.). *Patrimonio cultural en cementerios y rituales de la muerte* (Tomo 2, pp. 533-553) Gobierno de la Ciudad de Buenos Aires. https://www.folkloretradiciones.com.ar/literatura/temas_13II.pdf.

Guerra, D. F. (2014). Civilizar por el horror: La reproductibilidad técnica y la exhibición de la podredumbre humana en la retóricacremacionista argentina. *Amerika: mémoires, identités, territoires*, (11), 01-14. <https://doi.org/10.4000/amerika.5716>

Harvey, D. (2018). *A loucura da razão econômica: Marx e o capital no século XXI*. **Boitempo**.

Kepelusz-Poppi, A. M. (2011). José Penna y Salvador Mazza en tiempos del cólera: salud, inmigración y legitimidad política en la Argentina de 1910. *Temas de Historia Argentina y Americana*, (19), 118-154. <https://repositorio.uca.edu.ar/handle/123456789/7273>.

Lazzarino, C. (2021). Epidemia de fiebre amarilla en la ciudad de Buenos Aires en 1871. *Revista Argentina de Salud Pública*, (13), 221-230.

Levinson, I. (2018). Cementerios de Buenos Aires. *Revista Hisba - Revista de la materia historia urbana de Buenos Aires*, (6), 52-58. <https://publicacionescientificas.fadu.uba.ar/index.php/hisba/article/view/904>.

Moreno, N. B. (1939). *Buenos Aires: estudio crítico de su población (1536-1936)*. Editorial Nueva Impresora.

Orsetti, A. & Entraigues, O. (2005). Programa de Relevamiento de bóvedas, sepulcros, túmulos esculturas y placas de los Cementerios de la Ciudad de Buenos Aires. In L. Maronese (Comp. y Coord.). *Patrimonio cultural en cementerios y rituales de la muerte* (Tomo 2, pp. 461-482). Gobierno de la Ciudad de Buenos Aires. https://www.folkloretradiciones.com.ar/literatura/temas_13II.pdf.

Prothero, S. R. (2001). *Purified by Fire: A history of cremation in America*. University of California Press.

Roca, F. (2023). Entre la "falsa piedad" y las "luces del siglo": Proyectos para la creación de un cementerio extramuros en el Buenos Aires tardocolonial. *Anuario. Instituto de Estudios Histórico-Sociales*, (38)2, 11-37. <https://ojs2.fch.unicen.edu.ar/ojs-3.1.0/index.php/anuario-ies/article/view/1849/1847>.

Rock, David. (1987). *Argentina (1516-187)*. University of California Press.

Rothkopf, L. & Tuma, M. E. (2023) Cementerio de Chacarita de la Ciudad Autónoma de Buenos Aires. In M. C. Laje (Comp.) *Primera Guía de Cementerios de la República Argentina: Una sinfonia inconclusa 2023* (2ª ed. Ampliada, pp. 209-210). Comisión Nacional de Monumentos,

de Lugares y Bienes Históricos. <https://historiahoy.com.ar/wp-content/uploads/2024/02/Primera-guía-de-cementerios-de-la-República-Argentina-2023.pdf>.

Santos, M. (2004). *O espaço dividido: Os dois circuitos da economia urbana dos países subdesenvolvidos*. Editora da Universidade de São Paulo.

Santos, M. (2008). *Manual de Geografia Urbana*. Editora da Universidade de São Paulo.

Teixeira, P. B. (2022). *Sete Palmos de Terra: Historiografia e Desigualdade na Formação Territorial dos Cemitérios de Vitória/ES*. [Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Espírito Santo]. <https://repositorio.ufes.br/server/api/core/bitstreams/37262471-5955-47e7-8e13-720dcd9e1e8c/content>.

Submetido em 8 de fevereiro de 2024

Aprovado em 13 de setembro de 2024

